

ESQUIZOGRAFIAS DOS AFETOS: SEXUALIDADE ENTRE PAISAGENS

HELANE SÚZIA SILVA DOS SANTOS^{*}
MARIA DOS REMÉDIOS DE BRITO^{**}

RESUMO

A questão que move a construção deste texto é: os alunos da educação básica vivem uma sexualidade que escapa do padrão ditado pelas Ciências e pelo discurso da máquina escolar? A filosofia da diferença de Deleuze e Guattari é tomada para pensar a sexualidade como produção desejante, que escapa às definições, às regras e normas impostas pela máquina social. No espaço escolar e seus entornos, foram construídas esquizografias, blocos de afetos atravessados pela sexualidade e seus encontros – um mapa cartográfico da sexualidade. As Paisagens compõem-se de linhas que se deslocam em diferentes latitudes e longitudes, os alunos inventam seus trajetos traçados por uma sexualidade que potencializa vidas, assim fazem outros movimentos com seus corpos e se mostram como máquinas desejantes neste espaço.

Palavras-chave: Sexualidade. Máquina Escolar. Filosofia da Diferença. Esquizografias.

ABSTRACT

DIFFERENT RULER'S SCRIPT OF AFFECTIOS: SEXUALITY BETWEEN LANDSCAPES

The question that moves the construction of this text is: students of elementary education living a sexuality that escapes the standard said by science and the discourse of school machine? The difference philosophy of Deleuze and Guattari is taken to think of sexuality like wishful production, which escapes the definitions, rules and standards imposed by the social machine. Around of school spaces and their, were built a different script of a ruler, affections blocks crossed by sexuality and their meetings - a cartographic map of sexuality. The landscapes are made up of lines moving in different latitudes and longitudes, students create their paths traced by a sexuality that enhances lives, so do other movements with their bodies and shows like a wishful machines in this space.

Keywords: Sexuality. School machine. Philosophy's difference. Ruler's script.

^{*} Doutoranda do Programa de Pós-graduação do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará, Brasil.

^{**} Pós-doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Docente da Universidade Federal do Pará, Brasil.

PARA UM BREVE PROÊMIO

Uma vida é pura imanência, comporta uma multiplicidade de planos heterogêneos de existência. Saltam vibrações, vida impessoal, blocos de tempos, de entretempos, entrelugares, há trajetos que se transpõem e se misturam, levando a vida para mundos impossíveis e possíveis. Nesses trajetos vitais, os platôs que a atravessam estão imersos em uma cartografia dos afetos, dos encontros que permitem blocos de vida e duração, pois formam um certo estado de coisas implicando variações.

Corpos afetados que fazem transitar os sentimentos, colocando-os em transição com determinadas potências para formar uma composição ou mesmo uma decomposição. Essas cartografias buscam apresentar um bloco de afetos atravessados pela sexualidade e seus encontros. Suas latitudes e longitudes caminham pelo choque de diferenciação da sexualidade posta pelo plano biológico para ser pensada pela superfície dos corpos. O estudo cartográfico teve como espaço disparador escolas da educação básica de Belém do Pará e seus entornos. O estudo foi movimentado pela seguinte indagação: a sexualidade vivida pelos alunos percorre a invenção de outros modos para além do padrão ditado pelas Ciências e pelo discurso da máquina escolar?

A pesquisa caminha por entre as linhas teóricas da Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Tomam-se esses pensadores por entender que eles fazem todo um deslocamento crítico a respeito de um modo de pensamento, o qual transita pela linguagem e pelos costumes do julgamento, da representação e do dogmatismo para pensar outra imagem do pensamento ligada não aos universais, mas a singularidade e suas potências. O texto seguirá por pequenos blocos de platôs.

PLATÔ I

A esquizoanálise é o conceito disparador para pensar as esquizografias. Ele começa a ser construído por Deleuze e Guattari na obra *Anti-édipo*. Nela, eles fazem uma leitura da sociedade a partir de várias entradas, pensam a cultura, o Estado e fomentam uma crítica à psicanálise e à edipianização. Fazem a crítica à ideia de inconsciente como fundo, como fantasma para colocá-lo como uma máquina de produção, do mesmo modo que não aceitam a ideia de desejo como falta, mas como máquina produtiva. “Desejar é produzir” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 44). O desejo é o que

maquina todo tipo de produção social, estando efetivamente ligado a todas as condições objetivas do real, sendo assim, Para Barembliitt (2003, p. 124):

A Esquizoanálise é um vastíssimo e interminável estudo acerca de como os processos de produção de produção, de reprodução e de antiprodução, imanentes à realidade antes definida, interrelacionam-se para gerá-la inovadoramente, para repeti-la ou para destruí-la em todos seus campos, potências, forças, estratos, territórios, códigos, sobrecódigos, axiomáticas, etc. Tais estudos são imanentes aos atos e ações revolucionárias e inventivas, que os exigem para assim poder "desmontar" o que inibe, distorce ou impede a produção, escapar desses limites e deflagrar o novo a serviço da diversidade infinita da Vida, contra toda forma de exploração, dominação e mistificação.

Deleuze e Guattari (2010, p.11) dizem que "... Há somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões...". Tais máquinas operam em três superfícies que configuram a relação homem-natureza: produção, registro e consumo. Os elementos constitutivos da superfície de produção não têm uma essência, são puro devir e se compõem em desejo e produção. Desejo no sentido de energia que flui livremente pelas representações, não como ausência, falta, castração como anuncia a psicanálise. O desejo não é estritamente humano, ele é produzido por meio de agenciamentos de fluxos humanos e não humanos, de uma multiplicidade de máquinas técnicas, sociais e abstratas. O desejo é agenciamento maquínico, é transbordamento; é da ordem da produção e não da falta (DELEUZE & GUATTARI, 2010).

Para Barembliitt (2003), uma das tarefas da esquizoanálise consiste em um trabalho destrutivo das entidades da Superfície de Registro-Controle, que despotencializam o campo inventivo, como o *socius*, definindo o que é normal e o que não é normal, por exemplo, em matéria de sexo, quando a máquina desejante, ao produzir seus fluxos, mostra a existência de uma singularidade sexual. Dizem os autores,

Não é uma questão de ideologia. Há um investimento libidinal inconsciente do campo social, que coexiste, embora não coincida necessariamente, com os investimentos pré-conscientes ou com aquilo que os investimentos pré-conscientes "deveriam ser". Por isso, quando sujeitos, indivíduos ou grupos vão manifestadamente contra

seus interesses de classe, quando aderem aos interesses e ideias de uma classe que a sua própria situação objetiva deveria determiná-los a combater, não basta dizer: eles foram enganados, as massas foram enganadas. Não é um problema ideológico, de desconhecimento e ilusão, mas um problema de desejo, e o *desejo faz parte da infraestrutura* (...) os investimentos inconscientes ocorrem segundo posições de *desejo* e de usos de síntese, que são muito diferentes dos interesses do sujeito individual ou coletivo que deseja (...); o desejo está em toda parte em que algo flui e corre (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 143).

Assim, a esquizoanálise tem como objetivo analisar a natureza desses investimentos libidinais que atravessam a economia, a política, a cultura, o sujeito, mostrando de que maneira o desejo é investido ou decalcado por sua própria repressão. Há investimento libertário do desejo, assim como há investimentos fascistas do desejo, ambos até podem coexistir em uma mesma linha ou percorrer um entre. A esquizoanálise é materialista e não quer pensar o sujeito ou o indivíduo fincado em uma essência, fora de suas relações de produção. O que envolve a sua clínica não põe a análise fora dos componentes de produção, sujeito e sociedade estão emaranhados em redes de agenciamentos coletivos de enunciação.

Nesse texto, o termo esquizoanálise sofrerá um deslocamento para ser usado como esquizografia, não diz respeito a nenhuma analítica clínica, o que se deseja mostrar é um mapa sobre o tema da sexualidade e suas paisagens pela escola, que sendo vista como máquina disciplinar decalca corpos e vidas em certas estruturas mecanicistas, que negam todo o transbordamento singular de subjetivação em movimentos, em devires, fomentando encontros com o mundo, com seus processos vitais e experimentais. Não se pensa um eu, um centro, mas atravessamentos que se põem no entre vida e entretempos.

Esquizo é um processo relacionado aos modos de subjetivação, em que sujeitos e grupos se envolvem consigo mesmo e com o mundo. Essas relações não se impõem como um fundamento e nem como uma raiz edificante, petrificada em uma unidade, esquizo remete à própria dualidade em conjunto, que acaba não sendo dual, mas múltiplo, não há um centro do sujeito, mas multiplicidades em composições e decomposições que falam emaranhados pelo desejo, que produzem efeitos do desejo. Grafias, pois esses corpos em movimentos inventam suas escritas, suas linhas, suas margens, suas passagens experimentais cartográficas...

sempre em movimentos, fazendo trilhas, desfazendo mundos identitários. Essas esquizografias, que serão expostas no decorrer desse trabalho, dizem respeito a modos de singularidades rejeitando a unidade, portanto são pensadas esquizografias da diferença pela diferença.

PLATÔ 2

A sexualidade é produção desejante, contudo de que modo ela percorre o campo do desejo como produção fora dos códigos disciplinares? A sexualidade não é uma essência biológica, fundada numa infraestrutura orgânica, mas compõe fluxos produzidos pela superfície de produção, pelas máquinas desejantes, como colocam Deleuze e Parnet (1998, p. 82) "... A sexualidade não pode ser pensada senão como um fluxo entre outros, entrando em conjunção com outros fluxos, emitindo partículas que entram elas próprias sob esta ou aquela relação de velocidade e lentidão na vizinhança de outras partículas..."

A partir desse contexto teórico, algumas atividades sobre sexualidade foram desenvolvidas no espaço escolar e fora dele, com o objetivo de problematizar a questão, não como meio de ilustração, nem para distrair o espírito do aluno ou do professor, mas para perturbá-los, para agitar dentro deles ou dentro da escola zonas turvas do desejo que eles sempre recusaram a explorar. Portanto, a questão não é mais saber se a sexualidade é vista como mera orientação pedagógica ou uma estrutura, ou que papel ela pode desempenhar na sociedade, como exigem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e, sim, cartografar movimentos dos corpos, livres das representações e dos constrangimentos estereotipados para pensar modos de existência outros.

Dessa forma, a sexualidade atravessa um componente de pura singularidade, rejeitando uma suposta universalidade da mesma. Ela diz respeito a uma ética, ou seja, como um corpo se relaciona com o outro, mas há também uma estética, como o corpo se relaciona consigo mesmo, com sua singularidade, suas particularidades.

A máquina escolar parece operar a partir da concepção de uma sexualidade que percorre as fronteiras do horror e da culpa, fomentada pelos códigos sociais. Uma lógica perversa que faz da sexualidade um tabu, um esconderijo. Na escola, quando se exercita a fala sobre essa questão, é para entrar em um sistema de normas, de leis e de condutas para que a vida possa ser preservada por essa

estrutura. Por outro lado, o desejo que percorre as linhas entrelaçadas da sexualidade é posto como falta, como carência. Essa carência leva a integração na ordem social para o campo da normalidade, para formar par funcional.

... a família desviada da sua necessidade natural e transformada em resolução da libido encarada como um problema; a promoção do casal monogâmico, fiel, que compartilha o mesmo lar no dia a dia; o sacrifício das mulheres e do feminino nelas; os filhos transformados em verdade ontológica do amor dos pais... (ONFRAY, 2010, p. 65).

Problematizar essas questões, não é algo simples na sociedade, pois tal epistemologia familiar do desejo é extremamente presente no pensamento e na armação cultural. Com isso, a sexualidade é engendrada por linhas ficcionais, em que os códigos sociais inventam formas de relação e vivência. Nessa perspectiva, a sexualidade é mantida a partir de uma naturalização em que o desejo deve se mostrar para reproduzir, formar o grupo, formar o familiar. Isso gera confusão entre o que se chama de amor, de procriação e de sexualidade, induzindo aquele que se envolve afetivamente a amar o parceiro para produzir uma gravidez e ter filhos. Assim, as pessoas que se relacionam sem construir alianças afetivas e amorosas dentro desta lógica podem ser taxadas de “anormais” por contradizerem as normas.

A ciência, com o desenvolvimento dos anticoncepcionais, deu certa liberdade ao corpo e à sexualidade, mas, por outro lado, a religião a negou. Então, a sexualidade como expansão desejante é proibida pelos aparatos religiosos, porém até pode ser vivida, mas há toda uma construção, inclusive psicológica, daquele que faz uso dos seus desejos para sentir culpa e dar a si mesmo certas punições, caso esteja fora dessa norma prescrita. Há toda uma recusa para se dispor livremente ou desejantermente de certa liberdade da sexualidade fora do aparato familiar clássico.

Há, também, um sistema de punição quando se pensa a sexualidade separada daquilo que se convencionou chamar de amor (o amor aqui geralmente disposto pela figuração da construção amorosa de um casal monogâmico, fiel, sincero e coabitante). Não há simpatia, embora a sociedade tenha sofrido modificações profundas em termos do debate de gênero e da sexualidade, por relações que não estão emaranhadas pelo dispositivo familiar. Como se fora desse amor padrão (que recorre ao modelo familiar) não existisse sentimento, ternura e afeto. Há um modo padronizado de comportamento sexual e

amoroso posto pelos códigos culturais (ONFRAY, 2010).

O exercício da sexualidade não está amarrado pelo rosto de um “futuro”, mas visa desfrutar plenamente do corpo, sem ódio, pudor ou horror. Para esse exercício, não há um padrão universal e retilíneo que possa levar os corpos sempre para um futuro puro e magnífico. A sexualidade está ligada ao momento, ao encontro, à vida, às relações possíveis e desejanças (ONFRAY, 2010). As relações, a sexualidade montada pelo padrão heteronormativo está sempre carregada de pudor, culpa, há um peso, uma gravidade, a *priori*, que impossibilita ou impede que os indivíduos vivam sua sexualidade, sem o peso da condenação e da culpa.

A sexualidade está quase sempre encharcada, alimentada por toda uma moralina, utilizando um termo de Nietzsche (2006). Esta faz com que o indivíduo, ao viver determinadas disposições, as quais não estejam dentro do padrão social, seja condenado como perverso, maldito, sujo, feio, anormal, doente... A sexualidade se torna um horror, uma miséria a ser condenada.

Com tais padrões impostos, inventa-se uma ritualização do sexo e da sexualidade que decorre de uma norma, uma imobilidade, uma sedentariedade... A repetição do mesmo, o hábito ritualizado e mecânico que leva a vida, os corpos a adoecerem neste sistema de um corpo que não se pode trocar, de uma sexualidade que não se pode viver, ou melhor, até se pode trocar ou viver, mas o importante que a ritualização seja a mesma.

Então, a sexualidade é indexada por verdades e clichês, recusa os deslocamentos, a iniciativa, as transformações... Não é à toa que a sociedade tem um verdadeiro horror que esses ritos sejam modificados, sob pena de se perder todo um modelo familiar, modelo de família como célula da sociedade, que a escola reforça com suas organizações de semelhança e de moralidade dos costumes.

Há uma recusa, por parte da escola, em perceber as situações eróticas que nela atravessam, as vibrações, as forças do desejo que levam a perturbar e vibrar, mesmo que em pequenas situações, para não deixar a linha sedentária fazer fissuras. Há, no espaço escolar, pequenas vibrações a esse modelo de sexualidade, que pode cortar, despedaçar ou embaralhar formas puras, para então misturar uma sexualidade para além da representação.

Essas vibrações não estão no começo, ou mesmo no fim, mas no meio, lá onde as vidas latejam, há aí toda uma arquiescritura corporal que pode levar a se pensar outro ponto vibrátil para se dizer da sexualidade. A cinematografia vem mostrando essa imagem da

sexualidade, como no filme *Uma nova amiga*¹, nele há uma fuga dos estereótipos, considerando as muletas nas quais costumamos nos apoiar para estabelecer julgamentos e interpretações. Seus personagens principais não podem ser descritos por rótulos de sexualidade ou gênero, que se embaralham no decorrer da trama. O filme retrata o desejo humano como algo permeável, fluído, em constante transformação. É possível fomentar outros movimentos para essa ordem secular sedentária e edificante e pensar uma sexualidade sem tanto horror ou peso.

Portanto, pode-se problematizar uma sexualidade montada e indexada por catálogos puros, por contratos formais, por obediência, por sacramento, por união fixa homem-mulher, mulher-homem, parceria oficial... Até que ponto essa perspectiva pode ser alimentada por prerrogativas da vida, da liberdade, como criação, deslocamento? Sexualidade determinada, carimbada pela moral, que não tem dependência, mas comporta instabilidades as quais não podem ser contadas, mostradas... Assim, são sempre feitos arranjos funcionais para se conservar essa moldura exemplar que comportam as estatísticas dos casais e da família.

Essa sexualidade burocratizada cotidianamente se torna uma fundação “Nada, tudo, nada caracteriza o modelo dominante” (ONFRAY, 2010, p. 67). Esse dispositivo do nada só serve para efetivar uma sexualidade sem vida, despotencializada, porque não há generalidade, não há lei, não há modelo, tudo que existe são campos de singularização, particularidades que levam cada um a construir para si modos que estejam de acordo com suas singularizações desejantes.

O real sempre mina o edifício do puro, do transcendental, da estrutura. Se na escola, como uma estrutura social que tende a contribuir para esse edifício das formas, há um mundo dentro dela que dispara a vida, então, os ídolos, como diz Nietzsche (2006), são de barro, a idealização se mostra como ficção, as boas narrativas conjugais e sexuais parecem ser feitas para povoar os livros de história para as crianças.

Como a escola lida com essas subjetividades não zelosas? Como a escola lida com esses corpos sexuados que negam a pureza e a retidão da sexualidade? Claro! Há uma analítica da razão, e não dizemos que não seja necessária, afinal, as linhas

¹ Lançado em 2014 e dirigido por François Ozon, é baseado no livro *Une Nouvelle Amie*, de Ruth Rendell. Venceu o prêmio de Melhor Filme no Festival Internacional de Cinema de San Sebastián 2014.

molares e moleculares estão emaranhadas, só que se deve indagar: em nome de que vida se põe sempre essas grades analíticas? O que elas potencializam ou não no corpo, na vida, na sexualidade? Em nome do que se deve manter a sexualidade nessa caixa modeladora, razoável e formal?

A escola não é um bloco único e homogêneo, está povoada de muitos fluxos e jogos de forças, ou seja, é composta por muitos agenciamentos heterogêneos e heterogenéticos. Um território onde se passam inúmeros combates, espaço de criação e de agenciamentos e de poderes. Assim, outras questões podem ser levantadas como provocações: por que não pensar ou problematizar essa sexualidade pura, fechada em determinados contornos que impossibilitam a escola levar à reflexão e ao problemático e para além dessa estática moralizante? O que impede efetivamente essa negação de uma sexualidade que alcance o indivíduo em sua singularização sem tanta petrificação social?

Há, também, a sexualidade sustentada pela psicanálise, a visão edipiana do desenvolvimento sexual, a qual reduz a sexualidade ao interjogo papai-mamãe, ou seja, a sexualidade está determinada pela tríade, pai, filho e mãe. O campo do desejo fica restrito a esse movimento familiarista que condena a sexualidade “ao movimento de regressão e progressão” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 364), fazendo do inconsciente um fantasma.

Para estes mesmos autores, tal concepção esmaga uma das principais características dos investimentos libidinais, a multiplicidade. A sexualidade pode se constituir por outros territórios, além do que tenta consolidar a psicanálise quando a considera como algo a ser descoberto nas profundezas da existência humana, tendo Édipo como princípio organizador. Como bem coloca Corrêa (2006, p. 12):

Quando Deleuze e Guattari criticam a psicanálise por rebater todo o investimento libidinal sobre uma determinação familiar, isso não significa que o pai, a mãe, as experiências infantis vividas na situação familiar não façam parte da cadeia “significante”, porém essas correlações são furtivas entre os agentes coletivos. A libido não pode ser nunca separada de um campo social e dos fenômenos de grupo, sendo sempre maquinada sobre um *socius*. O desejo está sempre investido num campo social, de modo que não há operações abstratas autônomas individuais que obedeçam ao destino que se repete ao longo da evolução humana por meio de articulações simbólicas movidas pelo incesto e sua proibição. Trata-se de investigar as conexões possíveis dos investimentos libidinais da produção desejante, em que nenhuma triangulação aparece. Os investimentos

libidinais são antes de tudo conexões, fluxos e intensidades que não obedecem a uma regra binária entre objeto e sujeito.

As concepções fomentadas pela psicanálise sobre a sexualidade são enfatizadas no documento anexo aos Parâmetros Curriculares Nacionais, denominado “Orientação Sexual”, que constitui um dos temas transversais sugeridos para a educação básica. Ainda na apresentação deste documento, encontra-se uma visão da sexualidade essencializada: “Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte” (BRASIL, 1998, p. 287). Além desta visão da sexualidade como função vital construída interiormente, tal documento também enfatiza o desenvolvimento sexual direcionado pela tríade familiar, como mostra este fragmento:

Os contatos de uma mãe com seu filho despertam nele as primeiras vivências de prazer. Essas primeiras experiências sensuais de vida e de prazer não são essencialmente biológicas, mas se constituirão no acervo psíquico do indivíduo, são o embrião da vida mental no bebê. A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância (BRASIL, 1998, p. 295-296).

Quando os documentos oficiais, como os PCN's, orientam o tratamento do tema sexualidade na educação básica, enclausurado nas concepções científicas, em especial na biologia e na psicanálise, então parece que na escola é negada uma sexualidade construída, criada a partir das suas produções desejantes. Sim, pois o desejo não é essencializado, ele é construído em suas relações com o fora. Ela se conota obscura e precisa ser controlada, daí a grande preocupação posta pelos documentos oficiais. Ela é vigiada, dirigida, governada... Schérer (1984) diz que a escola trabalha a favor da exclusão do desejo sexual da criança com o apoio da Ciência. Este autor diz que estudos, pesquisas, relatórios sobre a sexualidade são abundantes, já que o tema é vasto. Mas questiona a abordagem da sexualidade na escola, pois para ele parece que ela está suspensa neste local.

Asfixiar o desejo, homogeneizar os fluxos da vida parece ser a linha segmentária hegemônica imposta pela escola, que, simultaneamente, fomenta a emergência de linhas flexíveis, fluidas, desviantes... mas que pelos mecanismos de controle elas são postas em equilíbrio, ao menos aparente.

Genes, células, tecidos, órgãos, organismos, espécies,

populações, comunidades, ecossistemas... Ordenações, classificações e definições. Os conhecimentos foram gerados nas ciências biológicas segundo modelos arborescentes, que se construíram dicotomicamente, considerando uma genealogia das estruturas menos diferenciadas às mais diferenciadas.

O sistema arborescente fixa uma ordem de diferenciação, como nos esquemas da história evolutiva dos seres vivos, neles há sempre um ancestral primitivo que se diferencia dicotomicamente para originar outros seres. Tais esquemas são análogos a árvores, que se ramificam de forma binária. Para Deleuze & Guattari (2012, p. 38), "... a árvore dominou a realidade ocidental e todo o pensamento ocidental, da botânica à biologia, a anatomia, mas também a gnosiologia, a teologia, a ontologia, toda a filosofia". Esse modelo edificou, também, todo um padrão cultural e normativo da sociedade, fundado em uma moral do bem, da boa conduta, da negação da falha e do engano. Um sistema de pensamento que busca a verdade como coerência e retidão das formas.

Essa forma de pensamento, que fomenta uma imagem da vida, forma de conduta, tomou ramificações em vários saberes que servem para montar uma maquinaria, que distribui todo um sistema de ordem e poder, inclusive para a Ciência e que a deixa posta como saber maior, desligado de outros conhecimentos.

De acordo com Deleuze (1992), a ciência é só mais um modo de criação das ideias, de criação do conhecimento, assim como a arte e a filosofia. Para o autor, não há uma sobreposição de um saber sobre o outro, mas disposições diferentes de conceber o conhecimento, pois esses saberes podem muito bem estar em comunicações, ligações, sendo intercessores um do outro.

Nesse contexto, a Biologia como ciência pura não busca intercessores para fazer conexões do estudo da vida fora de sua epistemologia, alicerçada, basicamente, no método científico. Portanto, trata da sexualidade como função vital controlada por uma engrenagem orgânica e influenciada por fatores socioculturais, com os quais se exime de dialogar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) do Ensino Médio (BRASIL, 1998, p. 14) dizem que "É objeto da Biologia o fenômeno vida em toda a sua diversidade de manifestações. Esse fenômeno se caracteriza por um conjunto de processos organizados e interligados, no nível de uma célula, de um indivíduo, ou ainda de organismos no seu meio...". Tal documento, que orienta a construção dos currículos e de metodologias de ensino, enfatiza a Biologia como uma ciência construída pela lógica do modelo

arborescente. Ou seja, os seres vivos evoluem a partir de uma hierarquia do menos para o mais complexo, tendo sempre um ancestral primitivo do qual há uma bifurcação ocasionada pelo surgimento de novas espécies, que podem ser bem sucedidas dependendo de fatores físico-químicos e biológicos, entre estes o sucesso reprodutivo, como está enfatizado nos PCN'S: "...a própria ação da natureza selecionando combinações genéticas que se expressam em características adaptativas, também precisa considerar a reprodução, que possibilita a permanência de determinado material genético na população" (p. 18, 1998).

Assim, essa ciência parece negligenciar todo o componente cultural e social, que entra nessa leitura de vida e de mundo, padronizando modos vitais por suas teorias. Nos PCN's do Ensino Médio, que incluem a disciplina Biologia no Eixo de Ciências da Natureza, a reprodução está sempre vinculada à perpetuação das espécies, como função vital. A palavra sexualidade não é mencionada neste documento, embora, em alguns materiais didáticos da disciplina, o desejo sexual seja justificado por esta ciência como uma sensação, regulada por hormônios que atuam sobre os órgãos genitais para impulsionar a cópula.

Há uma naturalização do desejo, mas, socialmente, como esse desejo se manifesta? Se a etologia atesta essas pulsões, esses territórios de domínio, a força, os combates de um macho para tomar a fêmea, se há dominação, submissão, adaptação, aí não há sexualidade, há um estado sexual natural, pode-se dizer assim, pois é pelo campo cultural que esse exercício do desejo se inventa e se cria, a sexualidade entra no campo do capricho singular, graças a uma série de códigos, de leis, de costumes, de condutas, de hábitos, uma civilidade que a biologia não parece tratar. Mas, no decorrer da educação básica, a sexualidade não é ignorada, ela é capturada com o intuito de pedagogização, de orientação da conduta, orientação do desejo. E, dessa maneira, a ciência vem para corroborar com essa orientação.

A partir desta lógica, a escola se propõe a fazer a orientação da sexualidade, conduzida por documentos oficiais, anexos aos PCN's, que englobam seções denominadas Temas Transversais, um de seus eixos se refere à Orientação Sexual, o qual já foi mencionado anteriormente. Embora estes documentos tenham surgido, a sexualidade deve ser transversalizada em todas as disciplinas da formação básica, é no âmbito das disciplinas Ciências e Biologia que há a possibilidade formal para que o tema seja de fato tratado, pois ele também compõe os conteúdos obrigatórios dessas.

A escola orienta o exercício da sexualidade, limitando-o à prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida DST's/AIDS e dos métodos anticoncepcionais para evitar a gravidez precoce, além do ensino da morfofisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino. Pois, entre os objetivos do documento “Orientação Sexual”, estão:

...conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da Aids; evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos;... (MEC, 1998, p. 312).

A preocupação com as questões de prevenção das DST'S/AIDS e gravidez indesejada é importante. Não pretendemos problematizar a presença delas no documento que contém as diretrizes para a construção dos currículos escolares, mas o teor pedagógico que conota o controle do exercício da sexualidade precisa ser questionado.

As tentativas de contenção e controle dos corpos dos alunos da educação básica e seus desejos percorrem meios, percursos moleculares, capazes de remexer fragmentos, fissuras, correntes que podem fomentar fluxos, espaços nômades... Então, mesmo que esses corpos estejam submetidos às tentativas de enclausuramento pela ciência e pelo currículo escolar, é possível que eles criem modos inventivos para o exercício da sexualidade.

A escola é um lugar de muitas produções desejantes². Outros fluxos a atravessam em múltiplos acoplamentos, os quais, pelo pensamento da diferença de Deleuze e Guattari, são devires que constituem uma “micropolítica” ou “política molecular”. Pode-se dizer que essas micropolíticas percorrem as produções ou traços de singularidades, processos que vão para além de uma mera estrutura, esquemas, retidões, costumes postos.

Então, entende-se que, na escola, parece estar em causa, cada vez mais, uma instalação que não vem a partir do domínio de

² Neste texto, a produção desejante está relacionada à proposição “o desejo é máquina”. O desejo não é representação de um objeto ausente, mas uma atividade de produção, uma experimentação incessante. A produção desejante é pura multiplicidade irreduzível à unidade. A libido é a energia que move as máquinas desejantes de modo atual, sempre em um sentido produtivo e não representativo. Os fluxos seriam a objetividade do desejo, não existindo, portanto um sujeito do desejo ou de objeto. Em Deleuze & Guattari (2010).

métodos, formas, práticas educativas de aplicação para um bom aprendizado, ou para fomentar boas condutas; há, na escola, na educação, microagenciamentos que explodem as práticas analíticas tradicionais, cristalizadas em verdades, em certezas, e começam aparecer pontos suscetíveis em torno do professor, do diretor, de um grupo, de um regime de crianças, de adolescentes, de jovens em direção a outro desejo. Assim, como a escola pode agenciar essas práticas, esse desejo que a atravessa? Provavelmente, não mais a partir da postura de um diretor general, de um professor carrasco, autoritário, mas enquanto aquilo que passa pelo espaço escolar, pela sala de aula o diz respeito, pois não trata de restringir as ações aos universais, à globalidade, ou mesmo a personalizações, ou a especializações. Trata-se de abrir a escola, a educação para novas vias... Se isso pode acontecer? Trata-se de saber que o desejo atravessa a escola, o espaço escolar e ele não pede licença, as linhas minúsculas das forças desejanter a atravessa, convidando os seus professores, diretores a fomentarem outras atitudes.

As máquinas desejanter atravessam a escola e cortam, de algum modo, as estratificações existentes e isso pode catalisar processos de modificações, de questionamentos, de perguntas, de formulações disciplinares, de poderes, de forças, que impõem novas perguntas e novos atitudes.

A seguir, serão ponderadas algumas paisagens, esquizografias dos afetos/da sexualidade, que se movimentam para além dos padrões edificantes e das lógicas disciplinares codificadas na escola, escrituras de outras linhas corporais percorridas pelo campo da diferença. Elas arranjam um mapa intensivo, apresentadas como uma pequena narrativa, como imagens fotográficas e pequenas cartas, chamadas respectivamente de

Paisagens N, I e C.

PLATÔ 3

PAISAGEM N

Os movimentos rotineiros que parecem dar vitalidade à escola são esboçados por corpos que se deslocam dentro dos seus muros nos espaços comuns, como os corredores, as salas de aulas, as quadras de esportes, os banheiros, as áreas administrativas e outras dependências. Mas, o que há entre esses espaços que pode causar desarranjos sutis à sua rotina? Micromovimentos! A máquina

desejante promovendo micro-explosões consumidas antes de serem capturadas pelo registro-controle, como na Paisagem N1.

Duas meninas sentaram lado a lado, corpos colados lateralmente, trocaram olhares e deram as mãos discretamente por baixo das mochilas. Alguns minutos se passaram e as mãos permaneceram juntas, trocavam carícias enquanto continuavam se olhando, permanecendo com seus corpos conectados um ao outro. Foram chegando outros colegas, meninos e meninas que permaneceram em pé, conversavam com euforia e gargalhavam, ao mesmo tempo faziam uma parede com seus corpos para que as meninas deixassem de existir no campo visual de quem passava pelos corredores, uma forma de se tornar momentaneamente invisível aos olhos dos que cumprem o papel de fiscais. Então, elas trocaram um beijo longo naquele espaço localizado no coração da escola.

PAISAGENS I

Nessas linhas esquizográficas, não há tentativas de interpretação para reencontrar um centro pessoal, ao contrário, o mapa de derivação aponta encontros com trajetos móveis, abertos por articulações que rabiscam a invenção de caminhos. Rastros, rasgos e fissuras põem a sexualidade em um prospecto aberto, cartográfico, pois diz respeito ao campo problemático das singularizações, se a escola tenta impor o tema como um saber uno, inclusive pelo respaldo da ciência, nos seus entre-espacos, os alunos borram essa codificação.

A solidificação das amarras, vez ou outra, é afrouxada quando os alunos parecem cavar ou buscar seus próprios escapes, dando, inclusive a entender, que podem inventar seus trajetos, mapas, agitações... É possível encontrar uma pluralidade de processos que impedem a codificação da sexualidade pela máquina social.

Então, quando os alunos traçam seus mapas afetivos, dentro ou fora da sala de aula, do espaço escolar, buscam um encontro com um meio, como as paisagens dos corredores, das áreas de recreação da escola e da rua, fazem proliferar processos, afetos vitais, há uma disposição de acoplamentos, de corte, de fluxos, pois "... Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come, isso caga, isso fode. Mas que erro ter dito isso" (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 12). É para funcionar mesmo os indefinidos, as singularidades que arrastam sem posse, um devir encontro que carrega as composições de latitude e longitude, variações em relação com

outras margens e linhas, maquinações.

Se, no cerne da máquina escolar, às vezes não é possível viver a plasticidades dos corpos e seus afetos, a busca e o encontro de outras linhas pelas margens se mostram como possibilidade para a proliferação dos movimentos moleculares, como na Paisagem I1, em que três meninas mantêm conexões com seus corpos, ignorando a boa postura, o bom comportamento, a boa conduta, pois eles são atravessados por outras variações.



Paisagem I1. Arquivo de fotos: Helane Santos.

A codificação das produções desejanter não para de ocorrer, os aspectos do julgamento atravessam a máquina do *socius* por todos os lados. Na Paisagem I2, dois jovens alunos da educação básica, sentados num parque público localizado nos arredores da escola, trocam carícias, enquanto se mantêm abraçados.

Um dos guardas do local os observa atentamente, sendo ele o *meio* que atravessa o processo desejanter do afeto enamorado. Ele, o guarda, afetado por um encontro insólito, ao meio dia, se mostra com a descarga da moralidade e do julgamento, vigilante dos pudores e da potência da diferença. Ele interrompe a máquina desejanter dos enamorados, ele cala os investimentos não verídicos, não identitários em prol de quem?



Paisagem 15. Arquivo de fotos: Helane Santos.

Contudo, a máquina que é disparada pelo desejo dos enamorados parece gozar de uma língua infantil, língua criança, que não tem efetivamente compromisso com a culpa, com a dívida da moralidade julgadora, seu compromisso parece ser com a máquina potência dos afetos, potência dos encontros alegres, das intensidades singulares, que rasga os extremos pelo simples gesto de um toque afetivo.

A máquina posta em circulação pelos dois alunos ergue um mapa, um trajeto de individuação, de intensidades afetivas que põem o silêncio julgador em alerta. Parece que os mapas cartográficos encontram suas potências em extremo combate com o juízo, com o sistema de julgamento, tão bem destacado por Deleuze no transcórre de suas obras.

As esquizografias querem “escutar os que as crianças” dizem (não no sentido aqui de infantilismo ou ingenuidade, mas no sentido de exploração), as crianças constroem seus meios e mapas sem futuros, sem juízos, elas apenas exploram todos os meios de todas

as ordens, pois “A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente” (DELEUZE, 1997, p. 73). É pelo meio que a cartografia lança seus movimentos. Quando se ponderam trajetos, entende-se que tais trajetos não se confundem somente com as subjetividades dos que estão a percorrer um certo meio, mas se confundem com a subjetividade do próprio meio (DELEUZE, 1997). É interessante notar que um mapa exprime uma ‘identidade’ entre o que é percorrido e o percorrido.

Deleuze (1997), em seu texto *O que as crianças dizem*, faz toda uma consideração sobre como as crianças criam seus próprios mapas, suas próprias cartografias para afirmar que há uma grande diferença entre uma cartografia e a concepção arqueológica da psicanálise. A cartografia não incide sobre um centro, uma personalidade, uma memória, uma busca por uma origem, mas avalia o deslocar, como diz Deleuze, “Cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras, que necessariamente vai de baixo para cima. Não é só uma inversão de sentido, mas uma diferença de natureza” (1997, p. 75).

A ligação da cartografia é sempre com os trajetos, não há um inconsciente memorialístico, documental, que lida com objetos. Sua preocupação versa sobre as mobilidades, os objetos se a atravessam é para serem lançados em voo. Trata-se de destacar percursos, movimentos, meios, para reivindicar uma situação. É o que parece a paisagem dos jovens alunos enamorados.

Os mapas não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos. Existem também mapas de intensidades, de densidades, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto (DELEUZE, 1997, p. 76).

Os jovens alunos postos nas Paisagens I1 e I2 definem um traçado dos afetos, um mapa afetivo, uma lista deles, sejam passivos ou ativos, beijar, abraçar, sentar junto, sorrir, e essa distribuição de afetos faz um mapa de intensidades. Assim, esse mapa afetivo desejante já não é uma extensão, uma projeção do regime escolar, e nem é uma derivação do corpo-organismo, ao contrário de tudo isso, é um mapa de distribuição dos afetos, cuja ligação perpassa pela imagem corpo, tal imagem sempre móvel em função de outras constelações afetivas.

Uma cartografia pode ser vista por meio de uma obra de arte, de um livro, de uma poesia, de cartas, cada uma dessas paisagens

compõe seus próprios mapas e trajetos, suas passagens e seus deslocamentos.

Esses deslocamentos fazem agora linhas gráficas que seguem, as Paisagens C, são esquizografias compostas por duas cartas escritas por alunos resultantes de uma roda de conversa sobre o tema.

PAISAGENS C

Nas Paisagens C1 e C2, os fragmentos escritos pelos alunos emitem ruídos das pequenas máquinas desejantes, que não são abafados pela estrondosa presença da máquina escolar.

Esses fragmentos não remetem a uma confissão, os alunos escreveram livremente ou não escreveram, pois na roda de conversa que antecedeu a escrita não houve um discurso-coercitivo sobre a sexualidade. Apesar de, na escola circular, a ideia da sexualidade vinculada à reprodução respaldada pela ciência, como um exercício do corpo que precisa ser educado, controlado e pedagogizado (como já foi enfatizado anteriormente no texto), os alunos puderam abordar o tema como o sentiam. Portanto, tal atividade se afasta daquilo que Foucault enfatizou na sua entrevista “Não ao sexo rei” (1979, p.230):

A confissão, o exame de consciência, toda uma insistência sobre os segredos e a importância da carne não foram somente um meio de proibir o sexo...; foram uma forma de colocar a sexualidade no centro da existência... O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso.

Pois nessas esquizografias nenhuma paisagem remete ao sujeito unificado, sujeito uno, sujeito centro do conhecimento, sujeito razão, sujeito autônomo, metafísico... Para além disso, traçam-se movimentos experimentais, singularidades que fazem tessitura pelos afetos, pelos encontros... vozes sem ecos que fazem a sexualidade ser ponderada como linha de existência, linha de experimento vital.

Confessa-se quando se procura um núcleo verídico, um sujeito da verdade. Para Deleuze, diferentemente de Foucault, há hecceidade que é “o que me ataca”. “Quando se escreve ecceidade sem o “h”, tal palavra deriva de ecce, “eis aqui”” (DE AMORIM, 2010, p. 35). Ou seja, não há interior, mas fora, multiplicidades, sem a noção de sujeito moderno, mas proliferação de modos de individuações. Sem centro, a singularidade é um meio que é

percorrida só por composições, traços, linhas, que remetem para diferentes velocidades e lentidões.

Esta atividade se aproxima mais do que Rago (2014) coloca no seu livro “A aventura de contar-se...”, não se trata de afirmar uma identidade a partir de uma autoridade exterior, mas de abrir possibilidades para o devir, do ser outro do que se é, escapando as formas de captura das linhas endurecidas, ligando os fios do fora, da experimentação de como tornar-se.

Na Paisagem C1, Ayase sinaliza a existência de linhas flexíveis que a atravessam ao fazer vazar a sexualidade do ato sexual, ela não a sente com a precisão dada pela ciência, mas como complexa e ligada aos afetos e, por isso, não há uma verdade que define como vivê-la. Ayase também se refere às linhas duras quando diz que na escola há o preconceito, os tabus e as crenças que sufocam por todos os lados as potências desejantes.

A sexualidade é máquina desejante, seus fluxos podem ser capturados pelas máquinas sociais, há um imbrincamento das linhas flexíveis e duras apontadas sutilmente nesta paisagem. De Amorim (2010) diz que não é fácil desenredá-las, as linhas de segmentaridade maleável desfazem as concreções das linhas de segmentaridade dura, mas também restituem microformações de poder.

...as pessoas pensam que sexualidade só tem haver com o ato sexual em si. Mas penso que não é só isso, temos que saber que a sexualidade é marcada por coisas bem mais complexas como os sentimentos e os afetos, e por isso ela não define um jeito certo de viver os sentimentos... na escola a sexualidade parece que está associada a preconceito, tabus e crenças.

(Paisagem C1 – Ayase cursa o 3^o ano do ensino médio)

Ayase emite, através da sua escrita, a mistura das linhas no espaço escolar no que se refere à sexualidade, mas não parece construir suas linhas de fuga. Para Deleuze e Guattari (2012, p.83), “devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida... certos grupos, certas pessoas não as têm e não as terão jamais...”. Contudo, isso não remete para absolutizações, mas o que o corpo pode, que forças ele suporta, que potência é letal ou vital. Mesmo que nomes sejam mencionados, não passa por esse plano cartográfico um Eu particularista, mas passagens e encontros.

Já na paisagem C2 parece haver um esboço de uma linha de

fuga, traçada entre a arte e a ficção criadora de formas de vida quando Yuna, através de sua escrita, inventa personagens que vivem a sexualidade na escola de forma diferente, eles existem nos textos de Yuna-escritor.

Talvez nunca consiga viver livremente minha sexualidade, nem na escola nem fora dela, porque sei que gosto de pessoas do sexo oposto e também do mesmo sexo, se minha família ou meus colegas soubessem diriam que sou gay. Comecei a tentar entender o que eu era no meio disso tudo através da leitura de mangás onde descobri o futanari (pessoa que possui um órgão genital masculino e outro feminino) e aí pensei que se na vida real não posso viver o que sinto então poderia ser escritor e desenhista e criar roteiros para histórias que falam da sexualidade de forma diferente. Já criei duas temporadas, uma em que um garoto tem 6 namoradas, mas gosta de um garoto também, na outra temporada a irmã dele vive um relacionamento com uma garota dentro de um colégio interno e as duas dividem o mesmo quarto no alojamento. Já estou pensando numa outra temporada...

(Yuna cursa o 3^o ano do ensino médio)

Quando a máquina social, na qual se consolidam a família e a escola, endurece sobre os modos de agir, os vazamentos se intensificam e não se pode dizer como acontecem ou se configuram, pois eles não estão vinculados a um significante. Nessa paisagem, Yuna mostra um jeito singular de viver a sexualidade. Escreve sensações, vidas efetivadas por personagem, uma multiplicidade de possibilidades para exercitar corpos sexuados, desejos. Sem nenhuma imagem psicanalizante, pois, enquanto a psicanálise busca a origem, a cartografia faz traçados com o desejo, faz meios, reivindica um devir-criança, produção desejante que segue uma efetivação literatura-vida, corpo, meios que fazem o desejo ganhar agilidade e velocidade.

A literatura, os personagens apontam graus de potências de afetos, de desejos, como uma espécie de um corpo sem órgãos, desenhado para solicitar para si o desfazer do organismo, como traição da máquina estrutura, da máquina corte-vida. O meio inventado por Yuna é uma forma de fissurar os estratos fechados e, com isso, não deixar seus “n” sexos serem roubados pelo significante.

Se o organismo persegue os fragmentos, de uma forma que o corpo é impedido de fazer outras composições, ele faz dobras, um órgão dobra o outro, que deixa de ser um mero órgão para desejar outra coisa. O corpo nunca é efetivamente um organismo, ele

sempre deseja outra coisa, porque produz, o corpo sempre persegue uma virtualidade, um outro, persegue um ultrapassamento territorial para resistir à vida morta, à vida raquítica. Como diz Deleuze, “Não se pode mais nem dizer que a morte transforma a vida em destino, num acontecimento ‘indivisível e decisivo’, mas, sim, que ela se multiplica e se diferencia para dar à vida as singularidades” (DELEUZE, 2005, p. 102). Então, assim, observar-se a solicitação do fora, a literatura, a criação dos personagens, uma matéria animada, uma matéria que se movimenta de dobras, de flexibilidade, que tem o lado de dentro não como um interior, mas o lado de dentro do fora. Uma espécie de solicitação da diferença, que não é:

... a emanção de um Eu, é a instauração da imanência de um sempre – outro ou de um Não-eu. Não é nunca o outro que é um duplo, na reduplicação, sou eu que me vejo como o duplo do outro: eu não me encontro no exterior, eu encontro o outro em mim (...). É exatamente como a invaginação de um tecido na embriologia ou a feitura de um forro na costura: torcer, dobrar, cerzir...” (DELEUZE, 2005, p. 105).

Yuna busca na literatura, como leitor e escritor, vidas que desestabilizam a sexualidade como estrutura, como essência, como instinto natural ligado à reprodução. Procura traçar linhas desviantes, errantes, alineares, que desvirtuam regras, normas, padrões... há, na paisagem C2, um vazamento por via da escrita, que não é imaginária nem simbólica se vista como o esboço de uma linha de fuga. Pois, para Deleuze e Guattari (2012, p.85), “... Nada de imaginário nem de simbólico numa linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga...”.

Assim, nestas duas paisagens, a sexualidade escapa às malhas do poder, mesmo com diferentes intensidades e em diferentes meios, faz deslocamentos entre as linhas endurecidas do espaço escolar, foge pelas microvias na busca por novas potências de existir.

As esquizografias construídas para este mapa cartográfico da sexualidade no espaço escolar, **Paisagens N, I e C**, compõe-se de linhas que se deslocam em diferentes latitudes e longitudes, não há trajetos pré-traçados. Os trajetos são intensidades, conjugação de forças, variações, por onde a sexualidade potencializa vidas.

Mas, o que ocorre, então, nessas paisagens? Um poder de afetar e ser afetado, um poder de afetar a si mesmo... As paisagens

duplicam, dobram, fazem rasguras, com as regras, com os limites, com as fronteiras... O digrama-traço é superfície que faculta determinadas leis, códigos, alianças morais que percorrem os espaços da escola, da família, da sociedade, da cidade... Singularidades que tendem a deslocar, que não fixam na sua parte interior uma lei eterna e determinante... Há, aí, um encontro consigo e não com a consciência. A sexualidade é agora uma relação consigo e não com a verdade, com o verídico.... Como diz Deleuze, “o afeto de si para consigo” (DELEUZE, 2005, p. 111) que não deixa de ser, se metamorfosear. O afeto de si para consigo é o desejo.

PLATÔ 4

PARA DEIXAR PASSAR...

A sexualidade é passagem! No texto, as paisagens vão mudando, tomando diferentes vibrações, demandando a extrapolação de uma sexualidade codificada, estruturada, essencializada, aprisionada pela máquina social. A sexualidade é carregada por várias linhas, movimenta-se por entre a expressão do instinto reprodutivo naturalizado e a necessidade de orientação, como fluidez das produções desejanter.

A máquina escolar, como *socius*, codifica a sexualidade como desejo naturalizado, ligado à necessidade reprodutiva, essa concepção é reforçada pelos documentos curriculares oficiais. Mas os alunos fazem outros movimentos com seus corpos e se mostram como máquinas desejanter neste espaço e seus entornos; a sexualidade escapa dos códigos e flui entre eles, escorre atravessando a escola e esboçando mapas de afetos sem fixidade e identidade, configurados por diferentes intensidades e paisagem sempre em movimentos.

REFERÊNCIAS

BAREMBLITT Gregório. **Introdução à esquizoanálise**. Belo Horizonte: Biblioteca do Instituto Félix Guattari; 2003.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Médio e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino médio, Brasília: MEC/SEMTEC, 1998.

CORRÊA, Sandra Lourenço. **Análise da crítica de Deleuze e Guattari à noção psicanalítica de sexualidade como modo de constituição da subjetividade**. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de

Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2006.

DE AMORIM, Simone Cristina. **Uma ideia de cartografia**. 2010. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Não ao sexo rei**. In *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal. 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. Notas, apresentação e tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ONFRAY, Michel. **A potência de existir. Manifesto hedonista**. Tradução Eduardo Brandão, São Paulo, Martins Fontes, 2010.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

SCHÉRER, R. **La Pedagogía Perversa**. Barcelona: Laertes, 1984.